

Atividade de motivação

Para começar a pensar sobre *a liberdade e as liberdades individuais*

UMA LEITURA E UM JOGO SIMPLES E AMENO

O PAÍS DOS POÇOS

Era o país dos poços. Qualquer visitante estranho que chegasse a esse país não veria mais que poços: grandes, pequenos, feios, formosos, ricos, pobres... E ao redor dos poços não veria quase vegetação, pois a terra estava seca.

Os poços falavam entre si, mas à distância. Sempre havia terra entre eles. Na realidade, o único que falava era o buraco, o que se vê no mesmo nível da terra. E dava a impressão de que, ao falar, soava oco. Porque, claro, procedia de lugares ocos...

Como o buraco estava oco, nos poços produzia-se uma sensação de vazio, de vertigem, de ansiedade... E cada um tendia a enchê-lo como podia: com coisas, ruídos, sensações estranhas e até com livros de sabedoria...

Entre os poços, alguns tinham um buraco grande no qual cabiam muitas coisas. Outros tinham um bocal pequenino, mas onde também cabiam coisas.

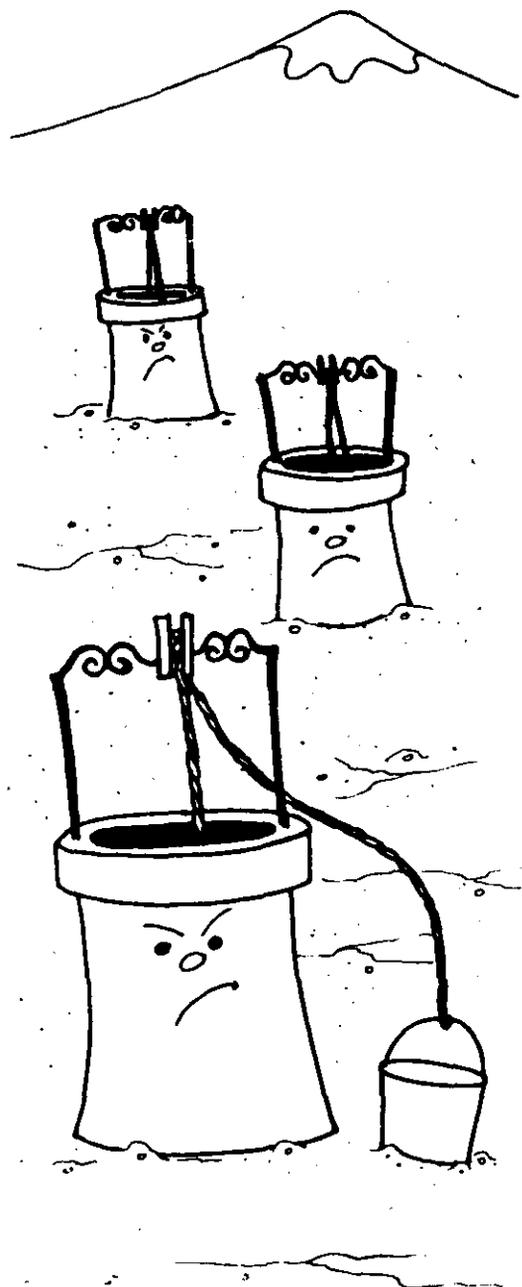
As coisas passavam de moda, então os poços as trocavam. Por isso continuamente estavam enchendo o buraco de coisas novas, diferentes... E quem mais tinha coisas era mais respeitado e admirado...

Mas, no fundo, não estavam nunca satisfeitos com o que tinham. O buraco estava sempre seco e sedento.

Disse “no fundo”?

Bom, sim. É que a maioria, através dos espaços livres que ficavam entre as coisas que tinham metidas no buraco, percebiam em seu interior algo misterioso... seus dedos algumas vezes tocavam a água do fundo.

Ante aquela sensação tão esquisita, uns sentiram medo e não quiseram senti-la novamente. Outros encontraram tanta dificuldade por causa



das coisas que entulhavam o buraco, que renderam-se rapidamente e decidiram esquecer aquilo que havia “no fundo”.

Também falava-se, na superfície, daquelas “experiências profundas” que muitos sentiam... mas muitos riam e diziam que tudo isto era ilusão... que não havia mais realidade que o buraco e as coisas que entravam no buraco.

Mas houve um que começou a olhar para dentro... e entusiasmado com aquela sensação que experimentava em seu interior, tentou aprofundar mais.

Como as coisas que tinha metido no buraco o incomodavam, preferiu livrar-se delas e as jogou fora. E o barulho foi diminuindo, até restar o silêncio.

Então, no silêncio do buraco, ouviu borbulhar a água lá embaixo... E sentiu uma paz enorme, uma paz viva, que vinha da profundidade.

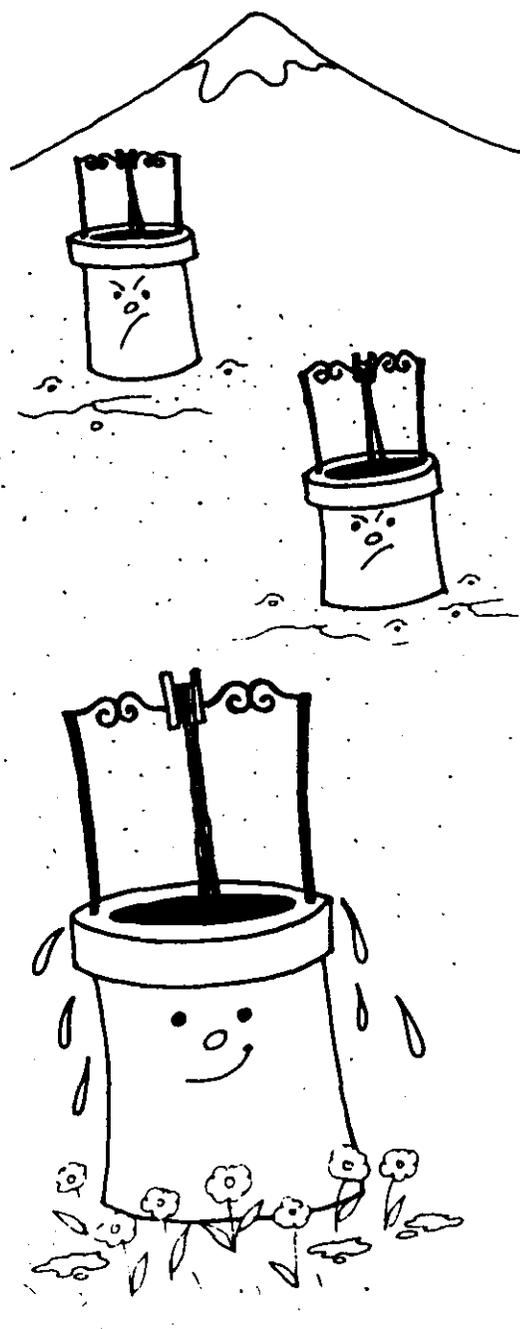
E já não eram só as mãos, mas os braços e.. todo o poço que refrescava-se e saciava sua sede na água.

Então, o poço sentiu que aquilo, justamente, era sua razão de ser: ali, no fundo, sentia-se ele mesmo. Até então tinha acreditado que ser poço era ter um buraco muito grande, muito rico e adornado, bem cheio de coisas.

E assim, enquanto outros poços tratavam de engrandecer seu buraco, para que ele fosse maior e coubessem mais coisas, este, mergulhado em seu interior, descobria que o melhor de si mesmo estava na profundidade, e que era “mais poço” quanto mais profundidade tinha.

Feliz pelo descobrimento, tentou comunicar aos demais e começou a tirar água de seu interior. A água, ao sair, refrescava a terra seca e a tornava fértil. E logo nasceram as flores ao redor do poço.

A notícia correu em seguida. As reações foram muito variadas: uns mostravam-se indiferentes ante o descobrimento; outros sentiram a nostalgia de algo que, no fundo, também eles percebiam. Outros desprezaram aquele “invento de poesia”, como o chamaram. Houve a quem parecesse uma perda de tempo aquele trabalho de tirar água de seu interior... E a maioria optou por não fazer caso, pois a verdade é que estavam muito ocupados recheando de coisas seus buracos.



Já tinham-se acostumado à sensação que ter coisas lhes produzia e até sentiam-se a vontade com o barulho que existia lá fora...

Porém, alguns tentaram a experiência. E depois de se livrarem-se das coisas que os recheavam, encontraram também a água no interior.

A partir de então a surpresa destes foi crescendo: comprovaram que, por mais água que tirassem de seu interior para derramá-la ao seu redor, não se esvaziavam, mas que sentiam-se mais frescos e renovados...

E, a seguir aprofundando no seu interior, descobriram que todos os poços estavam unidos por aquilo que era a mesma razão de ser: a água.

Assim começou uma comunicação “a fundo” entre eles, porque as paredes do poço deixaram de ser limites intransponíveis. Comunicavam-se “em profundidade”, sem importarem-se como era o buraco dos outros, já que isso não influiu no que havia no fundo.

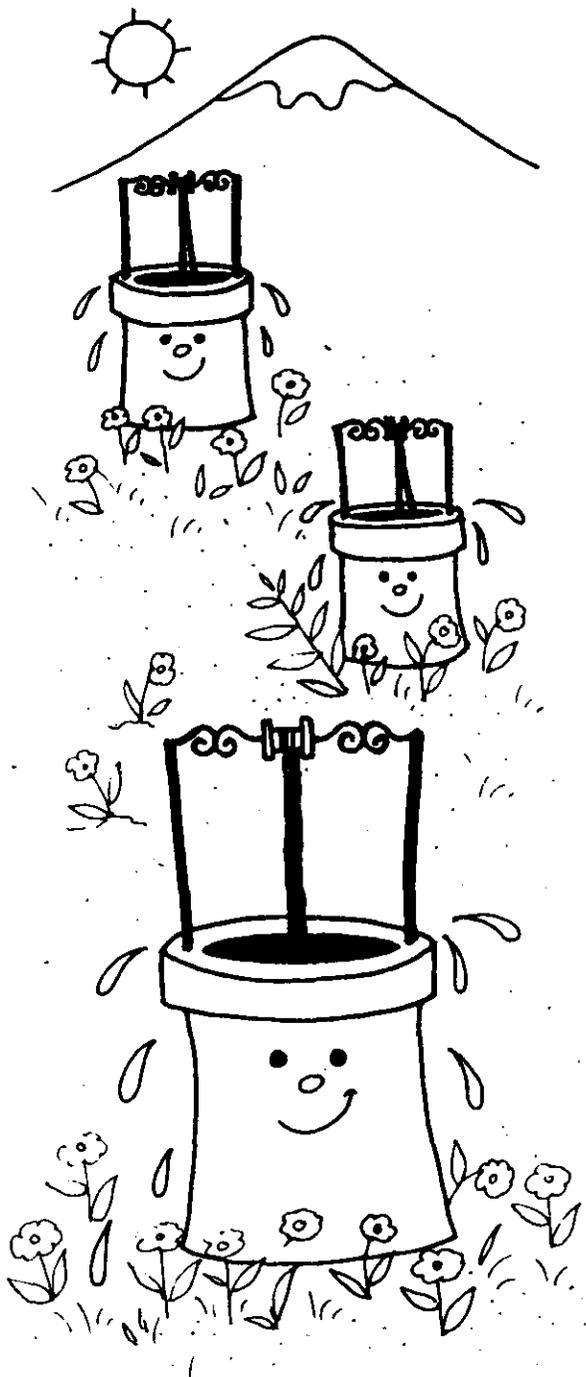
Isso sim, em cada poço a água adquiria um sabor e, inclusive, possuir propriedades distintas era a característica do poço.

Mas o descobrimento mais sensacional veio depois, quando os poços que já viviam “sua profundidade” chegaram à conclusão de que a água que lhes dava a vida e que era sua “razão de ser”, não nascia ali mesmo, em cada um, mas que vinha para todos de um mesmo lugar... Mergulharam seguindo a correnteza da água... E descobriram o manancial!

O manancial estava lá longe, na grande Montanha que dominava o País dos Poços e cuja presença apenas tinham percebido, mas que estava ali: majestosa, serena, pacífica... e com o segredo da vida no seu interior.

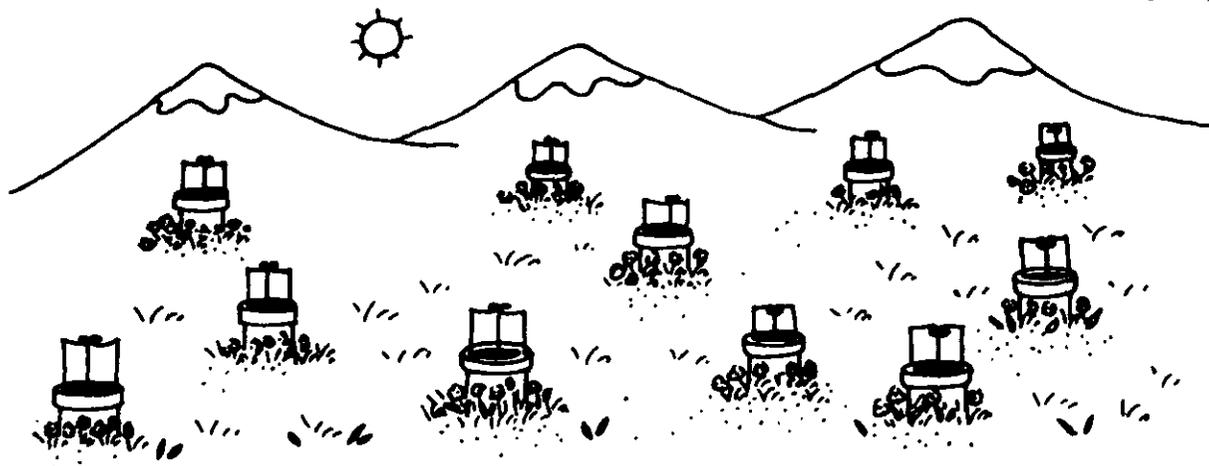
A Montanha sempre tinha estado ali: algumas vezes apenas visível, entre névoas, outras vezes radiante, sempre vigilante e percebendo tudo o que acontecia ao seu redor. Mas a verdade é que os poços haviam estado muito ocupados adornando seus buracos e apenas tinham-se incomodado em olhar para a Montanha.

A Montanha também havia estado sempre ali, na profundidade de cada poço, porque seu manancial chegava até eles fazendo que fossem poços.



Desde então, os poços que haviam descoberto seu ser, esforçavam-se em tornar maior seu interior e em aumentar sua profundidade, para que o manancial pudesse chegar com mais facilidade até eles... E a água que tiravam de si mesmos ia embelezando a terra e transformando a paisagem...

(ADAPTADO DO CONTO DE ANTONIO BOTANA E FÉLIX LOPEZ:
O PAÍS DOS POÇOS)



Sugestões para trabalhar na aula:

1. Ler e esclarecer

O professor ou a professora entregará a cada estudante uma cópia do conto e os deixará lê-lo com atenção. Depois lhes esclarecerá a ou as palavras que não entenderem, para que todos possam compreender bem a leitura.

2. Dialogar e representar

Uma vez que todos tenham entendido a leitura do conto, o professor os convidará a representá-lo num mural, quadro ou papel. Para isso, podem formar equipes de trabalho de cinco estudantes cada um. Cada equipe terá que dialogar sobre o sentido do conto, vendo que significado têm os distintos elementos que se mencionam, como por exemplo, o que representam os poços, o buraco, a profundidade do poço, as coisas que enchem o buraco, a água, o manancial, a Montanha, etc... Depois, fará sua apresentação, dando ampla margem à criatividade de cada equipe, sem dar a interpretação a que chegou o grupo. Isso o farão em grupo no passo seguinte.

3. Interpretar em conjunto

Depois de que todos tenham apresentado seu trabalho, então, com todo o grupo de estudantes, abre-se um diálogo interpretativo da leitura. O professor ou professora deve enfatizar estes elementos com seus respectivos significados:

- * O fato de “descobrir” a profundidade do eu... o reconhecer-se como um ser digno, sujeito de direitos e deveres.
- * A dignidade essencial compartilhada por todas e cada uma das pessoas e a igualdade fundamental de direitos e deveres de todos... a água que é a mesma para todos.
- * A individualidade única e intransferível de cada um... a água que adquire sabor e umas características próprias em cada poço, ainda que continue sendo a mesma “água”.
- * A unicidade da fonte dos direitos e deveres das pessoas... a grande Montanha ou a natureza humana, fonte de todos os direitos e deveres, criada por Deus.
- * A liberdade como condição de todo este descobrimento e sua vivência... todos os poços o pressentiam, mas somente alguns se aventuraram... e começaram a viver em plenitude!
- * A fecundidade social deste descobrimento... se comunicavam em profundidade e a terra fez-se fértil e florida.



Motivando de outra forma

Para estimular a reflexão sobre a liberdade das pessoas

VÍDEO: CAMINHEMOS POR NOSSA LIBERTADE

1. Preparando a atividade: PLANIFICANDO

O professor ou a professora planificará a atividade tendo em conta:

- O momento apropriado de acordo com o desenvolvimento curricular;
- Revisará com antecipação o material a fim de conhecê-lo com profundidade;
- Assegurar-se-á que a equipe e as condições da sala sejam as adequadas.

2. Entre todos: VER, OUVIR, SENTIR

Sentir estabelece o ambiente apropriado e projeta-se o Vídeo: Caminhemos por nossa liberdade.

Se recorrem as primeiras expressões e os comentários espontâneos sobre o material.

3. REFLETIR, OPINAR

Para a reflexão, o professor ou a professora apresenta as seguintes perguntas geradoras:

- O que lhe pareceu mais interessante?
- As pessoas foram sempre livres para fazer o que quiseram?
- Realmente, somos livres?
- Por que a liberdade, também tem seus limites?
- Que comentários merecem a presença e a mensagem da pessoa maior?
- O que trata de representar?

4. ESCLARECER E DEFINIR

Este é o momento oportuno para definir alguns termos que podem ser mais ou menos conhecidos.

Conversar sobre:

- Responsabilidade
- Dever

O professor poderá buscar exemplos que lhe permitam grafar e diferenciar de forma clara estes conceitos.

5. PARTILHAR NOSSA EXPERIÊNCIA

O professor promoverá o diálogo e a discussão em pequenos grupos e delineará os seguintes assuntos:

- Da tua própria experiência, consideras que tens liberdade para fazer o que queres? Quais são teus comentários?
- Comenta os casos que consideras que não és livre. Por que isto se sucede? Que podes fazer para ganhar essa liberdade? Implica responsabilidades?
- Por que a liberdade está ligada a responsabilidade?
- Que recomendações podemos dar para que se respeitem nossas liberdades?
- Que recomendações damos a quem assume suas liberdades?

6. SEJAMOS CRIATIVOS

O professor ou professora estimulará a atividade criativa entre seus estudantes:

- Individualmente, podem desenhar, pintar ou utilizar qualquer meio que lhes permitam grafar o Vídeo ou uma experiência referida ao tema;
- Em grupo, podem desenvolver atividades tais como, dramatizações, musicais, produções radiofônicas, preparação de materiais, escritos ou gráficos, etc.

Ao longo desta Unidade, seguiremos refletindo juntos sobre a dignidade humana e a liberdade, que é sua primeira expressão e sua condição. O plano que seguiremos é este:

